

Virgínia de Medeiros e a estética épica das guerrilheiras contemporâneas: entre o documental e o ficcional

*Virgínia de Medeiros and the epic aesthetics
of contemporary guerrillas: between
documentary and fictional*

DANIELA MENDES CIDADE*

Artigo completo submetido a 30 de dezembro de 2018 e aprovado a 21 janeiro de 2019

*Brasil, artista visual.

AFILIACÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Faculdade de Arquitetura (FA), Departamento de Arquitetura Rua Sarmento Leite, 320, CEP 90050-170, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: daniela.cidade@ufrgs.br

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre *Alma de Bronze*, trabalho de Virgínia de Medeiros realizado durante a sua residência artística no antigo Hotel Cambridge, uma das ocupações da região central de São Paulo. O carácter ficcional e documental, o encontro entre a artista e representações sociais da exclusão e a impossibilidade de separação entre o processo de criação e o seu contexto permeiam a discussão sobre a obra como manifestação de carácter político-cultural.

Palavras chave: documental / ficcional / política.

Abstract: *This article proposes a reflection on Alma de Bronze, work of Virgínia de Medeiros realized during his artistic residence in the Hotel Cambridge, one of the occupations of the central region of. The fictional and documentary nature, the encounter between the artist and social representations of exclusion and the impossibility of separation between the creation process and its context permeate the discussion about the work as a manifestation of a political-cultural character.*

Keywords: *documentary / fictional / politics.*

Introdução

Alma de Bronze (2017), trabalho de Virgínia de Medeiros realizado durante a sua residência artística no Hotel Cambridge, uma das ocupações da região central de São Paulo é o resultado plástico da interação entre a artista e as mulheres residentes nesta ocupação. Com uma estética épica, que traça a analogia entre o espírito guerrilheiro e a luta das mulheres do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), *Alma de Bronze* é composto por uma vídeoinstalação e um filme de carácter documental, um ensaio fotográfico de carácter ficcional.

O ponto de partida para a discussão aqui proposta é o processo de transformação dos centros urbanos como espaço de disputa, que propicia novas práticas sociopolíticas e artísticas. O antigo Hotel, depois de oito anos de abandono, foi ocupado pelo MSTC em junho de 2003. Após o edifício ter sido cenário do filme *Era o Hotel Cambridge* (2016), Juliana Caffé, em parceria com Yudi Rafael propuseram o projeto “Residência Artística Cambridge”.

Virgínia de Medeiros instalou-se na ocupação de novembro de 2016 a janeiro de 2017, com o objetivo de realizar um trabalho com as mulheres representantes do MSTC, dando continuidade a obras anteriores, onde ela põe em foco representações sociais da exclusão. No trabalho *Alma de Bronze*, Medeiros tem como objetivo investigar a força individual e coletiva que emerge do movimento, onde as mulheres são protagonistas.

O carácter ficcional e documental, que se alterna nas formas de abordagem do encontro entre a artista e as mulheres da ocupação, torna-se o objetivo central para o enredo de *Alma de Bronze*. Outro interesse nessa discussão é a forma como a interação da artista com a comunidade expressa novas formas de produzir e interpretar a arte. O lugar escolhido pela artista para exibir o resultado de sua residência artística foi a Ocupação 9 de Julho, também localizada no centro de São Paulo.

Conforme a própria artista, mostrar esse trabalho em uma galeria de arte, por exemplo, representaria atuar como uma artista etnógrafa, rótulo que ela não deseja ter. O que a artista pretende é que seu trabalho de arte torne-se parte da luta social do movimento. Neste sentido, a questão da impossibilidade de separação entre o resultado artístico final e o seu contexto e processo de criação, é outro aspecto da obra que a torna uma manifestação de carácter político-cultural.

1. Era o Hotel Cambridge

O Projeto Residência Artística Cambridge, no qual Medeiros teve a oportunidade de desenvolver *Alma de Bronze*, marca uma forma diferente de expressão artística, onde a interação com o contexto urbano, social, cultural e político vai

muito além das práticas em voga nos anos 1960-70, período de críticas radicais tanto na arte quanto no urbanismo, e quando uma nova interação surge com os *happenings*, *performances*, *art in situ*, entre outras.

O Hotel Cambridge foi construído na década de 1950 para abrigar um dos mais luxuosos hotéis do centro de São Paulo, quando o poder econômico e cultural ocupava o centro histórico da cidade. Como o processo de transformação do centro provocou a perda de interesse e deslocamento para outras regiões da cidade, os antigos prédios foram sendo abandonados, e já no início dos anos 2000, o Cambridge deixou de funcionar como hotel. O processo de decadência dos centros urbanos, de acordo com Brooks (2015) está relacionado com o fato do espaço construído fazer parte de uma complexa representação de forças social, política e econômica. O hotel, de propriedade de família tradicional paulista, foi acumulando dívidas até ser desapropriado pela administração pública em 2010, período em que o governo pretendia revitalizar a área central, transformando os prédios abandonados em área de interesse social.

Para Jacobs (2000) essas áreas urbanas são classificadas de “áreas amputadas que desenvolvem tipicamente uma gangrena galopante”, tão esquecidas que “nem toda a ajuda da arte e da ciência do planejamento urbano são suficientes para evitar a decadência” (Jacobs, 2000:276). A “morte” da cidade só pode ser evitada na medida em que uma reação contrária, um renascimento, é aceita pela comunidade. Esse renascimento é baseado num esforço de autoconsumir, para preservar a diversidade, onde a mistura e o intercâmbio aconteçam. “O tempo torna certas estruturas obsoletas para algumas necessidades, mas abre essas mesmas estruturas a outros usos” (Jacobs, 2000:220).

No caso do antigo Hotel Cambridge, assim como em outros prédios do centro de São Paulo, a população sem teto iniciou um processo que vem se tornando uma das formas de conquista ao direito à habitação no centros urbanos brasileiros: as ocupações organizadas por movimentos sociais de luta pela moradia, entre eles o MSTC que coordenou as ocupações Hotel Cambridge e 9 de Julho. No entanto, para o processo de manutenção das ocupações, não apenas surgem outros usos, mas inovam na diversidade de atividades e nacionalidades, gerando novos modos de vida marcados pela alteridade e diferença. Mesmo com a restrição de acesso às ocupações, como forma de proteção e controle, esses espaços tem tido a atenção de diferentes áreas do conhecimento contribuindo para a transdisciplinaridade no campo da arte. É neste contexto que se insere o trabalho *Alma de Bronze*, realizado nas ocupações no centro de São Paulo. Medeiros traz para o campo da arte uma possibilidade de diálogo com essa realidade social complexa, recusando o espaço como mero cenário e a arte

como mera representação.

O filme *Era o Hotel Cambridge* (2016), de Eliane Caffé, mostra um pouco da rotina atual do antigo hotel, identificando-o como o lugar de acolhimento de refugiados que diferentes origens e de representação da luta pelos direitos à cidade. Junto a isso, o filme, que mistura vida real e ficção, com atores profissionais e atores residentes da ocupação representando os seus próprios papéis, abriu o espaço para a participação da arte como crítica social e ação política. O projeto de Residência Artística, proposto por Juliana Caffé e Yudi Rafael foi fruto desta impossibilidade de separação entre arte e vida expresso no drama *Era o Hotel Cambridge*. As fronteiras entre dramaturgia e realidade, assim como lugares de transbordamento e mutação, são constantemente ultrapassadas.

Segundo Mouffe, é impossível pensar arte e política de modos separados, pois “existe uma dimensão estética na política e uma dimensão política na estética” (Mouffe, 2013:190). Este é o conceito operatório de Medeiros em suas obras, representações sociais da exclusão. *Alma de Bronze, último projeto realizado pela artista*, traz as mulheres como protagonistas no cotidiano da ocupação, transpondo limites, em atravessamentos contínuos da arte e da vida.

2. As guerrilheiras contemporâneas na arte

Virgínia de Medeiros foi uma dos cinco artistas selecionados para a Residência Artística Cambridge, onde passou a viver e trabalhar em um dos apartamentos da ocupação. O cotidiano da ocupação apresenta uma ordem social constituída pela força da identidade feminina. A prática artística proposta por Virgínia foi condicionada pela força das mulheres para dar conta dos afazeres da casa, da família, do trabalho, e ainda para atuar no movimento social de luta pela habitação. No período de novembro de 2016 a janeiro de 2017, a artista acompanhou a vida de oito mulheres e as apresenta como verdadeiras guerrilheiras contemporâneas.

Vivenciar as dinâmicas internas da Ocupação Cambridge tornou possível delinear a capacidade aí existente de imprimir configurações mais potentes nas relações sociais e instaurar novas subjetividades, tendo sempre como base um forte senso de solidariedade — uma solidariedade marcada não pela equivalência ou igualdade de valores, mas que se apoia na diferença, na fragmentação, na falta de semelhança, nos seres singulares e nas diversas maneiras de existir (Medeiros, 2017a:4).

O projeto proposto para esta residência resultou em uma videoinstalação de caráter documental, um ensaio fotográfico de caráter ficcional e um filme sobre Carmen da Silva Ferreira, líder do movimento. A ideia do filme surgiu a partir



Figura 1 · Virgínia de Medeiros, *Alma de Bronze*, 2017, fotografia. Fonte: da artista.

Figura 2 · Virgínia de Medeiros, *Alma de Bronze*, 2017, fotografia. Fonte: da artista.

da onipresença da personagem nos relatos das mulheres. O título do trabalho, *Alma de Bronze*, também surgiu do diálogo da artista com Carmem, resultando a construção de uma estética épica das mulheres guerreiras. Conforme Medeiros em entrevista sobre o projeto, Carmen dizia-se “tomada por uma alma de bronze, assim como o poeta é tomado pela poesia” (. Para a artista, existe uma força nessas mulheres que remete às armaduras metálicas dos guerreiros ao longo da história. A estética épica das guerrilheiras contemporâneas teria, metaforicamente, o brilho do metal, pois a estética de heroína situa-se na força feminina de luta pela moradia (Figura 1, Figura 2 e Figura 3).

Medeiros buscou mostrar de forma sensível sua vivência com a mulheres dentro da ocupação com uma produção estética que reivindica posições de alteridade e diferença. Essa relação está muito próxima de uma partilha com o sensível. Conforme Rancière (Rancière, 2009), essa partilha possibilita uma estética da arte capaz de reorganização do mundo sensível. De certa forma, ao romper com normas pré-estabelecidas de fronteiras, de poder e limites sociais, espaciais e culturais, incluindo conceitos de propriedade e exclusão, é que o trabalho de Virgínia de Medeiros se torna transgressor. A artista desmonta também a hierarquia de espaço expositivo, ao propor que *Alma de Bronze* seja montado na Ocupação 9 de Julho, antigo prédio pertencente ao governo federal, também na condição de abandono por quase trinta anos: deslocamento do campo da arte, deslocamento do Hotel Cambridge (Figura 4).

3. Entre o documentário e a ficção

Ao contar as suas histórias, as mulheres apresentam uma subjetividade e uma força coletiva que nos permite encarar de forma insurgente os conflitos das grandes cidades brasileiras na atualidade. Medeiros realiza uma escuta cuidadosa que ultrapassa a dimensão real no cotidiano de luta dessas mulheres. A artista coloca em foco os sonhos e as utopias inseridas em seu próprio contexto, mesclando ficção e realidade.

De acordo com Garcia (2018), cabe salientar que a qualidade de uma obra de arte não reside em sua inserção em locais ditos públicos, mas sim sua capacidade de transformar aquele espaço a partir de seus usos. Portanto, a obra também se torna agente na produção dos espaços sob os quais atua (Pallamin, 2000), interagindo em suas disputas. Desse modo, Garcia (2018) propõe pensar estratégias artísticas que tragam à mostra o que na partilha do sensível que não era visível, rearticulando signos, imagens e significados pré-estabelecidos. Tal reorganização condiz com a definição do trabalho da ficção, que altera as formas de apresentar o sensível e os modos de o enunciar, elaborando nova

inteligibilidades. Assim consideramos que não existe um real “em si”, mas somente articulações que produzem efeitos de realidade (Garcia, 2018:63). Conforme Rancière, “o real é sempre objeto de uma ficção, ou seja, de uma construção do espaço no qual se entrelaçam o visível, o dizível e o factível. É a ficção dominante, a ficção consensual, que nega seu caráter de ficção, fazendo-se passar por realidade” (Rancière, 2010:74).

A obra de Medeiros nos lembra que ficção também é associada à produção de dissensos, pois interfere nos modos de configurar o sensível, resultando em novas percepções, multiplicando novos enunciados, tornando-se heterotopia. As heterotopias são as utopias localizáveis, um termo que se produz a partir da transformação do sensível (Rancière, 2005).

Conclusão

O trabalho de Medeiros não é uma representação da exclusão, mas uma desconstrução de “representações sociais excludentes” visando trazer uma realidade próxima a nós e que participa do cotidiano urbano. A singularidade do olhar de Medeiros nos aproxima de um território que, a princípio, parece distante e possibilita uma nova escuta e um olhar renovado, que ecoa subjetivamente uma longa história de lutas pelo direito à moradia no Brasil.

A forma de exposição desse trabalho em uma Galeria de Arte representaria apenas um deslocamento da ocupação para outro território, da mesma forma que um etnólogo leva os resultados da seu campo de pesquisa para o campo intelectual. Ao expor *Alma de Bronze* em outra ocupação, salienta-se a prática artística em sua dimensão política, como parte da luta social do movimento. Não há possibilidade de separação das fronteiras entre o resultado artístico final e o seu contexto e processo de criação. A vida no antigo hotel faz do trabalho de Medeiros uma obra em processo, que continuou sendo um *work in progress* durante todo seu período de exibição: *fricções* entre imagem, subjetividade, vida e ficção na resignificação do lugar do antigo Hotel Cambridge.



Figura 3 · Virgínia de Medeiros, *Alma de Bronze*, 2017, fotografia. Fonte: da artista.

Figura 4 · Virgínia de Medeiros, *Alma de Bronze*, 2018, vídeoinstalação. Ocupação 9 de Julho, São Paulo. Fonte: da artista.

Referências

- Alzugaray, Paula (2018) "*Virgínia de Medeiros Alma de Bronze*" *Revista Select*. São Paulo: SESC. [Consult. 2018-12-18] Disponível em URL: <https://www.select.art.br/edicao/select-no-38/>
- Brooks, Allison (2011) "*On Societal and Challenges*" Kullack, Tanja (2011) *Architecture: A Woman's Profession*. Berlin: Jovis. ISBN: 978-3868590869
- Garcia, Carolina Gallo (2018) *Gênero da cidade em disputa: práticas artísticas como manifestação do dissenso*. Porto Alegre: PROPUR/UFRGS. Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional.
- Jacobs, Jane (2000) *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes. ISBN: 978-85-7827-421-4
- Medeiros, Virgínia de (2017) "*Alma de Bronze*" *ProAC Editais*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura. [Consult. 2018-12-15] Disponível em URL: <http://www.editaisproac.sp.gov.br/InscricoesEditaisUFDPC/download/downloadArquivo.action;jsessionid=21B4D397EF968B3A0E7C5D5F45DE8B64?arq.id=18359>
- Mouffe, Chantal (2013) "*Quais espaços públicos para práticas de arte crítica?*" *Arte & Ensaios 27. Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais — EBA / UFRJ*. Rio de Janeiro: PPGAV-EBA/UFRJ, número 27. ISSN: 1516-1692
- Pallamin, Vera (2000) *Arte Urbana São Paulo: Região Central (1945-1998): obras de caráter temporário e permanente*. São Paulo: Fapesp, 2000.
- Rancière, Jacques (2005) *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34. ISBN: 85-7326-321-0
- Rancière, (2010) *O espectador emancipado*. Lisboa: Orfeu Negro. ISBN: 9898327065